

ARTIGOS

EDUCANDO EMOÇÕES

IR. CELASSI DALPIAZ
Diretora do Colégio Santa Inês
celassi@santainesrs.com.br



Pensando nos desafios que os jovens têm neste mundo contemporâneo, fica evidente a necessidade de uma educação socioemocional, que tem um papel estruturante na vida da nova geração. No que se refere a esta aprendizagem, que envolve habilidades e competências para resolver problemas, é preciso autocohecimento para que possam perceber suas potencialidades e fragilidades, além de organizar estratégias para uma mudança efetiva. Tal concepção envolve, também, os educadores, que acabam sendo a referência dos estudantes neste processo.

Hoje, com as complexidades do mundo plural, uma pessoa emocionalmente competente tem muito mais possibilidades de reconhecer e de gerenciar suas emoções, assim como de obter uma melhor performance na aprendizagem, no trabalho em equipe e nos desafios

em geral. Quando conhecemos a nós mesmos, podemos ser mais proativos, além de melhorarmos nossa capacidade de interação social, evitando desgastes, muitas vezes, desnecessários, tanto para conosco como para com os que nos cercam.

Quando bem trabalhada, a educação socioemocional favorece as boas relações interpessoais, além de influenciar,

A educação socioemocional tem um papel estruturante na vida da nova geração

de forma positiva, a saúde física e mental dos indivíduos. Ainda, é capaz de prevenir transtornos emocionais, como ansiedade, depressão, bem co-

mo outros distúrbios psicossomáticos.

Convivemos com muitos adultos permissivos, que acabam não conseguindo se impor e nem mostrar regras claras, pela incapacidade de suportar uma birra infantil ou de enfrentar um adolescente. Neste tempo, a escola precisa ter um olhar aguçado para contribuir na formação tanto dos estudantes quanto dos educadores e, inclusive, da família.

Chegou a hora de desenvolvermos expertise, além de um olhar cuidadoso sobre os aspectos socioafetivos das crianças e dos jovens, para que possamos ajudar a formar pessoas com mais recursos emocionais, facilitando a capacidade de lidar com suas emoções de forma mais saudável. Sem dúvida, o resultado será uma melhor qualidade de vida e de aprendizado ao longo do desenvolvimento de cada estudante.

POR QUE NÃO TEMOS MAIS PPPs NO RS?

BRUNO VICENTE BECKER VANUZZI
Secretário de Parcerias Estratégicas de Porto Alegre
bruno.vanuzzi@portoalegre.rs.gov.br



As parcerias público-privadas estão no jargão político como uma arma argumentativa. Quem se julga moderno afirma serem uma panaceia. Para os conservadores, são uma estratégia de desmonte do Estado brasileiro. Mas, afinal, para que possamos saber quem está com a razão, o que é de fato uma PPP? São contratos administrativos, formalizados após uma minuciosa licitação, que permitem ao poder público utilizar a capacidade de investimento do setor privado em favor da sociedade.

O que difere a PPP dos já desgastados contratos públicos tradicionais é a transferência ao setor privado de responsabilidades que normalmente oneram o setor público, como custos por atrasos, manutenções inesperadas e erros de projeto. Já o pagamento pelas obras e serviços ocorre em geral somente após a

entrega da obra e fica vinculada ao desempenho no serviço prestado, aferido pelo poder público e por auditoria independente. Por outro lado, o contratado recebe certa dose de liberdade para utilizar novas técnicas de construção e serviços – já que os investimentos iniciais são de sua responsabilidade – resultando em obras mais rápidas.

Precisamos de união em torno do que importa e não do debate ideológico

Ora, em momentos de crise fiscal aguda, como a que vivemos, atrair investimentos privados em áreas públicas sensíveis pode ser a diferença entre ficarmos esperando por

milagres ou avançarmos rumo ao futuro. Ou seja, a PPP é uma ferramenta de contratação pública poderosa, e não uma questão ideológica, e que resolve, em diversos casos, gargalos da administração pública.

Então, se o modelo é tão bom, por qual motivo não temos PPPs no RS? PPPs apresentam desafios institucionais consideráveis. O primeiro é realizar estudos profundos, preparatórios à licitação, nas áreas financeira, jurídica e de engenharia. O segundo é comunicar ao setor privado, aos órgãos de controle e, principalmente, à sociedade os objetivos e benefícios do projeto. O terceiro desafio – talvez o maior – é unir a sociedade em torno do que é relevante: o cidadão.

Quando atingirmos a união em torno do que importa – e não do debate ideológico – as PPPs passarão a ser uma realidade.

OPINIÃO ONLINE



Vitória Raskin, assistente social: "Neste mundo, em que meninas vestem farrapos e meninos andam descalços, mendigando nas esquinas, há lugar para azul e cor-de-rosa?"

GAÚCHAZH
Leia o artigo em
bit.ly/VRaskin

Artigos devem ter até 2.000 caracteres. Os textos assinados não representam a opinião do Grupo RBS.
bit.ly/opiniaogauchazh artigozh@zerohora.com.br [@opiniaozh](https://twitter.com/opiniaozh)

IOTTI

iotti@iotti.com.br



RBS BRÁSÍLIA

GAÚCHAZH
Veja outras colunas em gauchazh.com /[@carolinabahia](https://twitter.com/carolinabahia)

Silvana Pires **INTERINA**
silvana.pires@gruporbs.com.br
[@silvana_pires](https://twitter.com/silvana_pires)

A polêmica do voto secreto

Ao negar pedido para que a votação para escolha da presidência da Câmara seja aberta, o presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), **Dias Toffoli**, preferiu não entrar em conflito direto com o Congresso. Seguiu na linha de não interferência entre os poderes, apesar de ter chegado a afirmar em sua decisão que existe "necessidade de transparência da atuação do parlamentar frente a seus eleitores". Há bastante tempo o STF vem sendo criticado por legislar no lugar do Congresso, embora muitas dessas decisões tenham sido tomadas após os próprios parlamentares recorrerem à Corte para questionar decisões dos colegas. A posição de Toffoli no começo da tarde de ontem já era um

indício de que cairia também a liminar que o senador **Lasier Martins** (PSD) conseguiu, no Supremo, para que a votação no Senado fosse aberta. O gaúcho vinha travando uma guerra com o presidente do Senado, **Eunício Oliveira** (MDB-CE), e com **Renan Calheiros** (MDB-AL) em torno do assunto. Não deu outra. No final da noite, Toffoli valeu-se do mesmo argumento, o de que a votação é uma questão interna das casas, e derrubou a liminar de **Marco Aurélio Mello**. Quem sai ganhando é Renan, que sempre contou com a proteção do voto secreto para retornar à presidência do Senado. O voto envergonhado, escondido pelo anonimato, é um aliado do alagoano. A sorte mais uma vez virou para o lado de Renan.

CORRIDA AO SENADO

O Planalto segue na linha de que não irá se meter nas eleições para a presidência da Câmara e do Senado. O discurso, inclusive, é repetido pelo presidente **Jair Bolsonaro** em agendas com parlamentares. Bolsonaro só não consegue esconder a preocupação quando o assunto é a disputa ao Senado. A possibilidade de **Renan Calheiros** voltar a comandar a Casa é uma pedra no sapato do governo.

HUMANITÁRIA

O presidente **Jair Bolsonaro** foi infeliz ao afirmar que os imigrantes que vierem para o Brasil deverão "cantar nosso hino". Sim, como presidente, ele tem o direito de decidir pela saída do Pacto Global pela Migração Segura da Organização das Nações Unidas (ONU). Mas não poderia esquecer que essas pessoas, em sua maioria, só estão deixando seus países, por exemplo, devido a guerras e situações degradadas em que vivem. A questão aqui é humanitária, não política.

Colaborou Mateus Ferraz